

**A INFLUÊNCIA DA LITERATURA NO INTERESSE POR LIMA: UMA RELEITURA DE *LA CIUDAD Y LOS PERROS* DE MARIO VARGAS LLOSA**

Yasmin Justo da Silva  
Universidade Federal Fluminense

Bolsista da Capes do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura

**Introdução**

Turismo e Literatura estão cada vez mais associados, muitos escritores contribuíram para essa ligação, entre eles, o peruano Mario Vargas Llosa (1936-) que colocou a cidade de Lima na rota dos turistas que visitam o Peru. As obras *La ciudad y los perros* (1963), *Conversación en La Catedral* (1969) e *Cinco Esquinas* (2016) são algumas das obras do autor ambientadas na capital peruana.

Atualmente há no Peru duas rotas turísticas em homenagem a Vargas Llosa, uma na cidade de Arequipa denominada “Ruta Cultural Mario Vargas Llosa” e outra na cidade de Lima o “Literatour: Ruta Vargas Llosa<sup>1</sup>”, na qual iremos nos deter nesse trabalho.

Trata-se de um tour gratuito com duração de uma hora e meia que ocorre todas as sextas-feiras e percorre alguns lugares pelos quais o autor circulou e em que suas obras são ambientadas.

Neste estudo voltamos nossa atenção ao seu romance de estreia, *La ciudad y los perros*, publicado pela primeira vez em 1963, e ganhador dos prêmios: *Premio Biblioteca Breve* (1962) e *Premio de la Crítica* (1963). O romance também ganhou uma adaptação cinematográfica homônima com roteiro do próprio Vargas Llosa, em 1985.

O romance acompanha a trajetória de um grupo de jovens peruanos que estudam no tradicional Colégio Militar Leoncio Prado, eles provêm de distintas classes sociais e regiões do Peru, no desenrolar da trama acompanhamos as tensões familiares e as mudanças pelas quais os “homens” da faixa etária dos alunos do colégio militar passam.

A estrutura do livro é composta por duas partes, em que acompanhamos os personagens e se mesclam presente e passado, e um epílogo que acompanha

---

<sup>1</sup> Mais informações sobre a rota literária podem ser obtidas em: <<https://www.miraflores.gob.pe/literatourmariovargasllosa/>>.



apenas os personagens Jaguar e Alberto em que nos é revelado que nenhum dos dois seguiu a carreira militar.

Para enriquecer a nossa análise, torna-se importante recuperarmos o título do livro, pois sabemos que o título de uma obra funciona, na maioria das vezes, como síntese da história contada. Em *La Ciudad y los perros* é evidente o quanto a cidade de Lima é fundamental para a narrativa, já que o vocábulo “*ciudad*” se encontra no título, esse vocábulo pode ser lido de forma literal, já ao vocábulo “*perros*” que também aparece no título pode-se atribuir um duplo sentido, um literal e outro metafórico, o primeiro sentido é atribuído à denominação dada aos meninos que ingressam ao colégio militar, já o segundo sentido se relaciona à forma como esses mesmos alunos vão se tornando agressivos ao longo da narrativa.

A narrativa dá indícios de que os fatos acontecem na década de 1950 ela é ambientada em dois lugares: na capital peruana e no colégio militar. Em *La ciudad y los perros* vemos ser demarcadas as diferenças econômicas dos bairros por meio dos personagens Alberto Fernández, Jaguar e Ricardo Arana, enquanto o primeiro vive no bairro nobre de *Miraflores* os outros dois vivem em bairros mais humildes, *Bellavista* e *Magdalena Nueva*, respectivamente.

Outro aspecto que deve ser mencionado é que o Colégio Militar Leoncio Prado, no qual parte do romance é ambientado, à época da primeira edição da obra contava com 20 anos de existência. O autor Mário Vargas Llosa passou dois anos na instituição como aluno, ou seja, ele é um ex-cadete do Leoncio Prado, esse é um dos motivos pelos quais confere a obra alguns traços biográficos, mas que aqui não serão expostos.

### **Patrimônio histórico e cultural**

A inserção do patrimônio histórico em uma obra literária é fundamental para compreendermos um pouco da história do local, pois, como nos diz a arquiteta, cubano-argentina, María del Carmen Díaz Cabeza em *Criterios y conceptos sobre el patrimonio cultural en el Siglo XXI* (2010) o: “*patrimonio histórico, es una herencia colectiva, no individual, producto de hechos acontecidos, personajes, objetos materiales que han trascendido a través del tiempo, y el espacio social*” (DÍAZ CABEZA, 2010, p.3).



Na ficção latino-americana *La ciudad y los perros* de Vargas Llosa percorremos grande parte de Lima, por meio dos personagens que moram na cidade e circulam por suas ruas e, assim, descobrimos o quanto a arquitetura da cidade é fundamental para que possamos compreender a obra, seja pelos cinemas de rua, praças e itinerários de ônibus, já que o próprio título do romance alude à cidade.

Partindo da abordagem decolonial o turismo em Lima é o resultado de um local que outrora fora colonizado, mas que hoje atrai diversos turistas por sua própria cultura e história. A professora Catherine Walsh em *Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de) coloniales de nuestra época* (2009) ao abordar o conceito decolonial o vê como: “*un camino de lucha continuo en el cual podemos identificar, visibilizar y alentar ‘lugares’ de exterioridad y construcciones alternativas*” (Walsh, 2009, p. 15). Ou seja, hoje o turismo em Lima proporciona um novo olhar para um local séculos atrás visto como mero objeto de enriquecimento da Coroa Espanhola.

Em *Ciudad Express* (2005) o também arquiteto Juan Carlos Pérgolis em um dos capítulos reserva espaço ao romance de Vargas Llosa, nele o arquiteto destaca os aspectos urbanos da capital peruana na construção da narrativa:

“Entre los dos extremos de la observación: la particularidad íntima del barrio-Miraflores- y la heterogeneidad hilvanada por la continuidad de la gran ciudad, se destacan sectores, otros barrios y lugares que exaltan esa variedad de la metrópoli” (PÉRGOLIS, 2005, p. 81).

Como vimos, para Pérgolis o autor peruano faz uma dupla divisão na cidade de Lima na narrativa, a primeira com o famoso bairro de Miraflores: “*El epicentro de la ciudad marítima es Miraflores*” (PÉRGOLIS, 2005, p.80); já a segunda com a grande parte que resta da cidade. Além da divisão urbana proposta por Pérgolis, a obra também é ambientada no Colégio Militar Leoncio Prado, localizado na cidade de Callao, próxima a Lima, o que nos leva a ver, influenciados pela leitura do romance, o próprio colégio militar como um patrimônio cultural, já que ele desperta a atenção dos turistas e leitores de Vargas Llosa.

O antropólogo Nestor García Canclini, no artigo *Los usos sociales del Patrimonio Cultural* (1999) fala sobre o crescente debate em torno do termo patrimônio e que por esse motivo tem aumentado a dificuldade em conceituar o termo. O autor chama a nossa atenção para o debate em torno dessa discussão:



“Sin embargo, algunos autores empiezan a vincular el patrimonio con otras redes conceptuales: turismo, desarrollo urbano, mercantilización, comunicación masiva. Estos términos son mencionados casi siempre como adversarios del patrimonio: desafíos o agresiones exteriores que proceden de universos distintos” (CANCLINI,1999, p.16).

Canclini tem uma visão oposta àqueles que não se adaptam as novas atribuições do termo e vê essa modernização do termo com bons olhos o que nos faz reforçar ainda mais a nossa hipótese de entender o Colégio Militar Leôncio Prado como patrimônio cultural.

Como vimos, anteriormente, o Colégio Leoncio Prado existe, sua arquitetura é formada por “*los edificios plomizos*” (VARGAS LLOSA, 2019, p.69) e tem o nome em homenagem a um militar importante para a história do Peru, um herói nacional do século XIX: Leoncio Prado. No passado, a publicação do livro foi considerada uma afronta para o colégio e teve exemplares queimados no pátio da instituição, mas hoje somada ao conjunto da obra do autor, a narrativa gera interesse pela cidade. A narrativa criada por Mario Vargas Llosa, na segunda metade do século XX, compõe hoje o imaginário de turistas e gera lucro para a cidade que criou até uma rota literária dedicada ao autor.

Díaz Cabeza, ao se referir à Carta de ICOMOS<sup>2</sup> (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios) de 1994, nos informa que de acordo com esse documento o itinerário cultural é uma paisagem cultural, logo, entendemos que a “Ruta Vargas Llosa” é uma paisagem cultural. A autora reconhece que “*un itinerario cultural conlleva necesariamente una serie de elementos y objetos materiales en un espacio natural, unidos a otros valores de tipo inmaterial o sea varios paisajes culturales.*” (DÍAZ CABEZA, 2010, p.13).

Segundo a arquiteta é crescente no século XXI essa tendência de itinerários, o que nos faz ligar os itinerários a uma das três categorias de paisagem cultural a qual Díaz Cabeza chama de “*Paisaje Cultural asociativo*” e define que ela: “*puede reflejar un hecho histórico o bienes artísticos asociados a las creencias religiosas o culturales y también se puede producir asociado a los elementos del medio ambiente*” (DÍAZ CABEZA, 2010, p.12).

---

<sup>2</sup> A carta de ICOMOS de 1994 ou carta de Nara é o documento resultado da conferência realizada no Japão, naquele mesmo ano, pelo ICOMOS, que é uma associação civil não governamental ligada à Unesco. Essa associação se empenha a promover teoria, metodologia e tecnologia dedicada à conservação, proteção e valorização dos monumentos, conjuntos e sítios arqueológicos.



Ricardo Arana, que é inserido na narrativa saindo da cidade de Chiclayo, estava eufórico para conhecer Lima: “*esperando que las luces de la ciudad surgieran de improviso, como una procesión de antorchas*” (VARGAS LLOSA, 2019, p.15). Pode ser que seja essa a mesma euforia que um turista, leitor da obra, tem quando vai conhecer a cidade, pois como nos informa Canclini, “*El patrimonio cultural expresa la solidaridad que une a quienes comparten un conjunto de bienes y prácticas que los identifica, pero suele ser también un lugar de complicidad social*” (CANCLINI, 1999, p.17).

A organização da cidade que hoje é percorrida por turista e nos é apresentada em *La ciudad y los perros* demonstra uma divisão de classes, é curioso mencionar que a primeira edição do livro, publicada na Espanha, veio acompanhada por um mapa da cidade de Lima situando o leitor, esse mapa é reapresentado na edição comemorativa de 2018 do romance organizada pela *Real Academia Española* (RAE).

#### **A Lima de *La ciudad y los perros***

A capital peruana nos é apresentada pelos cadetes, ora em suas saídas aos finais de semana, como transeuntes, ora em suas recordações do tempo em que ainda não eram alunos do colégio militar e no epílogo do livro, quando já não são mais cadetes, mas sim meros civis.

No que confere a vida dos cadetes fora do colégio militar, ou melhor, como transeuntes e habitantes de Lima, o leitor é conduzido pelos personagens Ricardo Arana, Roberto Fernández, Jaguar e Boa. Eles nos conduzem pela cidade em três períodos: antes de ingressarem no Leôncio Prado, em suas raras saídas do colégio militar aos finais de semana e após as suas saídas definitivas da instituição de ensino, no prólogo do livro, entretanto, só acompanhamos esse desfecho dos personagens Alberto Fernández e Jaguar.

A cidade se insere na narrativa, no que confere a à elite vemos como é um domingo para os jovens mirafloresinos e em dias de lazer:

“Miran a su alrededor y encuentran rostros que les sonrían, voces que les hablan en un lenguaje que es el suyo. Son los mismos rostros que han visto mil veces en la piscina M Terrazas, en la playa de Miraflores, en la Herradura, en el Club Regatas, en los cines Ricardo Palma, Leuro o Montecarlo, los mismos que los reciben en las fiestas de los sábados” (VARGAS LLOSA, 2019, p.256).



O personagem que nos conduz pelo luxuoso distrito de *Miraflores* é o poeta Alberto Fernández.

Torna-se importante mencionar que os turistas que percorrem o trajeto da Ruta Vargas Llosa conhecem locais que se inserem na narrativa, como o bairro *La victoria* e o centro de Lima. Nesse trecho do tour os turistas são incentivados a visitarem o Museu de Arte de Lima (MALI), assim como os museus, com entrada gratuita, *Casa de la Gastronomía* e *Casa de la Literatura*, este último conta também com uma biblioteca denominada Mario Vargas Llosa. Abrindo novas possibilidades aos turistas de se interessarem pela cidade e consumirem a sua cultura.

### **A identidade de “El círculo”**

A narrativa construída em *La ciudad y los perros* acompanha personagens masculinas e proporciona ao leitor diferentes pontos de vista sobre a rigidez do colégio militar e também as dificuldades da vida dessas personagens fora da instituição. Grande parte do livro está centralizada na vida dos cadetes, entretanto, há fragmentos que acompanham o tenente Gamboa que é um dos responsáveis pelos cadetes.

Diversos são os motivos que fazem os jovens ingressarem no Leôncio Prado, como sabemos, em um colégio militar os cadetes têm uma rotina rígida e vivem sob regras de comportamento, meninos de localidades e classes sociais diferentes têm seu comportamento homogeneizado na instituição, por isso, acreditamos que os jovens que ingressaram na instituição compõem um grupo híbrido. Em *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*, Canclini (2015, p.19) entende a hibridação como: “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.

Todavia essa nova estrutura que se pretende formar em uma turma de cadetes é marcada por uma série de divergências para que se tornem homens o que parece ser o grande objetivo da instituição: “*lo primero que se aprende en el Ejército es a ser hombres. Los hombres fuman, se emborrachan, tiran contra, culean*” (VARGAS LLOSA, 2019, p. 354). Como nos explica o sociólogo peruano Aníbal Quijano em seu artigo *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*, no período colonial da América Latina “apenas os nobres podiam ocupar os médios e altos postos da administração colonial, civil ou militar” (QUIJANO, 2005, p.119).



Entretanto, no século XX, jovens de diferentes classes sociais e cores ao ingressarem no Leoncio Prado poderiam conquistar um lugar na carreira militar.

A identidade do grupo como um todo é híbrida, mas separados cada um tem uma identidade única que sofre alterações constantemente, pois na narrativa encontramos meninos que estão crescendo, eles passam por um momento de transição, tanto pela idade quanto pela forma como circulam entre o espaço público e espaço privado, somadas ainda às mudanças sociais, logo, suas identidades passam por transformações, por isso, acreditamos que as identidades individuais dos personagens da narrativa de Vargas Llosa estejam próximas à identidade de “sujeito pós-moderno”, conceito proposto pelo sociólogo jamaicano Stuart Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), que:

“É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2006, p.13).

Suas identidades sofrem mudanças desde o início da narrativa até o final, a presença de diversas temporalidades, que congregam diferentes tempos cronológicos nos ajudam a compreender esse processo.

Na ficção se destacam os jovens que fazem parte do grupo “El círculo”. O grupo foi formado pela primeira vez para se vingar do trote dado pela turma de cadetes veteranos aos cachorros, ele é composto pelos personagens Jaguar, Alberto Fernández (conhecido como o Poeta), Ricardo Arana (apelidado de o Escravo), Cava, Boa, Vallano, Rulos e Arróspide, sendo os três primeiros os protagonistas do romance. “El círculo” é apresentado na narrativa com as seguintes palavras:

“El Círculo había nacido con su vida de cadetes, cuarenta y ocho horas después de dejar las ropas de civil y ser igualados por las máquinas de los peluqueros del colegio que los raparon, y de vestir los uniformes caquis, entonces flamantes, y formar por primera vez en el estadio al conjuro de los silbatos y las voces de plomo” (VARGAS LLOSA, 2019, p. 57).

O grupo é liderado por Jaguar e teve duas formações. Nesse artigo gostaríamos de destacar que iremos nos referenciar aos jovens de *el círculo* no que concerne a sua primeira formação. *El círculo* representa violência. Os cigarros e a bebida alcoólica pisco, uma tradicional bebida consumida no Peru, também estão muito presentes no cotidiano dos meninos: “*El Esclavo había abierto la botella de*



*pisco, y después de tomar un trago largo y escupir, la pasó a Alberto. Todos bebían y fumaban*” (VARGAS LLOSA, 2019, p.145). *El círculo* era um grupo secreto, mas após ser denunciado por Alberto é descoberto pelos oficiais e a tensão que já havia entre os meninos que o compunham aumenta.

Quando falamos do *el círculo* estamos nos referindo a sua primeira formação, feita para que o grupo se livrasse do batismo pelos cadetes do quarto ano. O círculo nasce a partir do sentimento de vingança dos recém-chegados ao colégio militar para com os cadetes do quarto ano, posteriormente, *el círculo* aparece no romance com apenas alguns integrantes: Cava, Rulos, Boa e Jaguar, que segue como líder do grupo, assim como, na primeira formação.

A conturbada relação entre costeiros e serranos que assola o Peru também aparece no romance. O ensaísta José Carlos Mariátegui (2007, p.279) comenta essa situação: “*El costeño se diferencia fuertemente del serrano*”.

Os costeiros são habitantes da capital peruana, muitos deles veem com desprezo os serranos que desde a década de 40 migram da região dos Andes para Lima, os serranos que chegam à cidade vivem situações de discriminação por conta de sua origem indígena e habitam em bairros da periferia na capital.

É por meio do personagem Cava, um serrano, que vemos essa situação. Em um pensamento do monólogo do cadete Boa: “*Los serranos son bien hipócritas y en eso Cava era bien serrano. Mi hermano siempre dice: si quieres saber si un tipo es serrano, míralo a los ojos, verás que no aguanta y tuerce la vista*” (VARGAS LLOSA, 2019, p.265).

No livro há apenas um embate físico entre um personagem da capital (Boa) *versus* um personagem serrano (Cava). Como observamos em seus monólogos, Boa não gosta de serranos e os vê com uma imagem negativa, para que o desentendimento entre os personagens cesse Jaguar propõe que eles lutem entre si para que possam formar um novo *el círculo*.

O ensaísta Mariátegui que se dedicou a estudar os problemas do Peru, como a questão agrária do país e a questão do indígena peruano, em seu livro *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana* (2007), publicado em 1928, traz em seu segundo ensaio *El problema del indio* o quanto o indígena sofre nesse país desde o período colonial:





“La suposición de que el problema indígena es un problema étnico, se nutre del más envejecido repertorio de ideas imperialistas. El concepto de las razas inferiores sirvió al Occidente blanco para su obra de expansión y conquista. Esperar la emancipación indígena de un activo cruzamiento de la raza aborígen con inmigrantes blancos, es una ingenuidad antisociológica, concebible sólo en la mente rudimentaria de un importador de carneros merinos” (MARIÁTEGUI, 2007, p.30).

No Peru há uma marca indígena muito forte, como podemos ver nos textos teóricos de Mariatégui e Quijano, assim como, na ficção de Vargas Llosa (2019), isto é, a questão indígena atravessa gerações de intelectuais peruanos. Na ficção de Vargas Llosa a imagem do indígena aparece de forma pejorativa, pois, primeiro o romance se inicia com o roubo de uma prova de química e o ladrão da prova é Cava, indígena, entretanto, como sabemos ao longo da narrativa foi um plano da segunda formação de *el círculo*, mas quem o colocou em prática foi o serrano, depois nos monólogos ele é frequentemente “rebaixado” por seu colega de seção Boa: “*Nada con serranos, son unos cobardes*” (VARGAS LLOSA, 2019, p.271). Cava é adjetivado pelo colega como “nanico” e “cabeça dura”, ambas características de serranos de acordo com Boa.

Além das divergências costeiros *versus* serranos serem apresentadas no texto, vemos de forma um pouco menos atenuada o preconceito contra o negro, isto é, contra o personagem Vallano: “*En los ojos se le vio que es un cobarde como todos los negros [...]*” (VARGAS LLOSA, 2019, p.22). Às vezes os insultos aparecem como “brincadeira” de meninos, de uma forma velada, ora de forma mais direta.

Um fator curioso é que em grande parte da narrativa quando o personagem Vallano é introduzido a palavra negro precede seu nome. No artigo *Teoria e crítica pós-colonialistas* o professor Thomas Bonicci (2009, p.278) relembra como os negros foram trazidos para o continente americano: “Milhões de africanos, oriundos de várias tribos e nações, foram escravizados e involuntariamente transportados às fazendas do Novo Mundo como solução à escassez de mão-de-obra na produção de mercadorias para as metrópoles”. Essa convivência entre negro, branco e índio, que aparece em *La ciudad y los perros* nada mais é do que um fruto do passado colonial da América Latina.

Torna-se interessante observar como a elite mirafloresina é representada ao longo da narrativa, pois esse é mais um marcador social que aponta a diferença entre os jovens que moram no ilustre bairro e estudam no colégio militar dos seus



colegas de origem menos favorecida economicamente. Entre os jovens afortunados temos os personagens Alberto Fernández e Arróspide, o chefe de turma da seção, que apesar de não ganhar muito destaque na narrativa sabemos que vem de *Miraflores* e foi visto andando em um carro luxuoso pela cidade.

Fora do Leoncio Prado é um privilégio ser miraflorentino, mas dentro não, como o próprio Poeta reflete no epílogo do livro. O poeta vivia em *Miraflores* e gosta de futebol no final da narrativa vai para os Estados Unidos estudar engenharia como um filho da elite peruana. A elite de *Miraflores* que aparece na narrativa usufrui de carros e relógios caros. Enquanto, o personagem Jaguar, que mora no bairro pobre de *Bellavista*, precisa recorrer a roubos para sobreviver e ajudar nas despesas de casa. O seu nome verdadeiro não nos é revelado durante toda a narrativa, mas sabemos que ele não tem marcas indígenas.

O final da narrativa nos leva ao final de dois personagens Alberto e Jaguar, entretanto, o personagem Ricardo Arana tem seu fim já na segunda parte da narrativa com a sua morte, e Cava também, pois é expulso do Leoncio Prado. Direcionar para o final dos personagens.

### **Considerações finais**

As considerações deste trabalho permanecem abertas, mas até aqui a leitura do romance nos faz refletir que o próprio Colégio Militar Leoncio Prado é um patrimônio cultural peruano, tanto pelos seus 77 anos de existência e tradição, quanto por meio do imaginário criado pelos leitores do Prêmio Nobel de Literatura de 2010.

Procuramos refletir aqui sobre Patrimônio Cultural, poder e classes sociais. A obra de Mario Vargas Llosa é muito forte, pois aborda temas como a transição da infância para a adolescência, a violência e a carreira militar, apesar de publicada por um jovem autor de 27 anos, a obra é fiel à realidade de seu país. Na ficção vemos problemas individuais que refletem o coletivo da sociedade peruana.

Apesar da tentativa de igualar os cadetes isso não ocorre, pois eles têm origens e sentimentos diferentes uns dos outros. Levando cada um deles a um rumo diferente quando saem do colégio. Além disso, o romance nos mostra o quanto a masculinidade é imposta precocemente aos jovens que desde muito cedo são incentivados a entrarem em contato com álcool, bordéis e cigarros.



Também devemos levar em conta que a cidade de Lima de *La ciudad y los perros* eternizada pelo autor a mais de cinco décadas é diferente da metrópole que os turistas irão encontrar quando forem visitar a grande capital peruana hoje.

### Referências

BONICCI, T. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (orgs). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009. pp. 257-285.

CANCLINI, N. G. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. São Paulo: EDUSP, 3ª ed., 2000.

\_\_\_\_\_. Los usos sociales del Patrimonio Cultural. In: ENCARNACIÓN, Aguilar Criado. *Patrimonio Etnológico, Nuevas Perspectivas de Estudio*. 1999, pp.16-33.

DÍAZ CABEZA, M. C. *Criterios y conceptos sobre el patrimonio cultural en el Siglo XXI*. Córdoba: Universidad Blas Pascal, 2010.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARIATÉGUI, J.C. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. 3ª ed. Fundación Biblioteca Ayacucho: Caracas, 2007.

PÉRGOLIS, J. C. *Ciudad Express*: Buenos Aires: Nobuko, 2005.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales: Buenos Aires, 2005. Disponível em: <[http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf)> Acesso em: 28 de jun.2020.

VARGAS LLOSA, M. *La ciudad y los perros*. Penguin Random House Grupo Editorial: Barcelona, 2018.

WALSH, C. *Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, Ediciones Abya-Yala, 2009.

